

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

GABRIELA FERREIRA DE OLIVEIRA
THAÍS VIEIRA DO CARMO

O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PERCEPÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO
DESSE PROFISSIONAL NO CURSO DE LETRAS LIBRAS

RIO BRANCO
2024

GABRIELA FERREIRA DE OLIVEIRA

THAIS VIEIRA DO CARMO

O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PERCEPÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO
DESSE PROFISSIONAL NO CURSO DE LETRAS LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Libras da
Universidade Federal do Acre, como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciada em
Letras-Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro
Vargas

RIO BRANCO

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

O48t Oliveira, Gabriela Ferreira de, 2000 -

O tradutor/intérprete de libras/língua portuguesa na Universidade Federal do Acre: percepções sobre a atuação desse profissional no curso de letras libras / Gabriela Ferreira de Oliveira, Thaís Vieira do Carmo; orientadora: Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas. – 2024.
48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA), Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2024.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.

1. Letras Libras. 2. Libras. 3. Intérprete. I. Carmo, Thaís Vieira do, 1999 -. II. Vargas, Vivian Gonçalves Louro (orientadora). III. Título.

CDD: 419

GABRIELA FERREIRA DE OLIVEIRA

THAÍS VIEIRA DO CARMO

O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PERCEPÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO
DESSE PROFISSIONAL NO CURSO DE LETRAS LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Letras-Libras, no curso de Licenciatura em Letras-Libras,
da Universidade Federal do Acre

Aprovado em 21 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Orientadora)
Universidade Federal do Acre - UFAC

Prof. Dra. Rosane Garcia Silva (Avaliadora)
Universidade Federal do Acre - UFAC

Prof. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira (Avaliadora)
Universidade Federal do Acre – UFAC

RIO BRANCO

2024

Eu, Gabriela Ferreira de Oliveira, dedico este trabalho ao meu saudoso avô Sebastião Muniz da Costa guardado sempre em meu coração, e à minha mãe a qual serei sempre grata por todo esforço feito para que eu chegasse até aqui.

Dedico este trabalho à minha mãe, Jocineide Vieira da Silva, meu exemplo de mulher, mãe, amiga, filha, irmã, guerreira, trabalhadora, honesta e sonhadora que infelizmente, ainda não realizou o seu maior sonho de ser uma estudante universitária na Universidade Federal do Acre - Ufac. Espero que ela se sinta representada de alguma forma por mim, pois o sonho dela também é o meu. Sem ela não chegaria aonde cheguei, em meio a tantos obstáculos, sem ela não seria possível. Dedico, em especial, à minha amada e querida avó, Zeneide Vieira Barbosa, que infelizmente não se encontra mais aqui, mas sei o quanto queria que eu concluísse mais essa etapa da minha vida e o quanto deve estar feliz por mim, onde quer que ela esteja.

Thaís Vieira do Carmo

AGRADECIMENTOS

Eu, Gabriela Ferreira de Oliveira, agradeço a Deus pela minha vida, por me dar forças para vencer os obstáculos encontrados durante o curso.

Agradeço aos meus pais Aparecida Martins e Sergio Costa, meu esposo Rodney Almeida e toda a minha família que me incentivou sempre a crescer profissionalmente e em várias outras áreas de minha vida.

Agradeço aos professores que me ajudaram no meu desenvolvimento no decorrer do curso, me ajudando a tornar-me uma boa profissional em especial a minha querida orientadora profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas e a excelente profa. Dra. Rosane Garcia Silva, que desempenharam um papel fundamental para minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Eu, Thaís Vieira do Carmo, agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado ao longo desses 6 anos na universidade. Por todas as vezes que me deixei desanimar, mentalmente e fisicamente, Ele foi o meu Consolador, Amigo, Pai. Sem Ele a minha vida não teria fundamento.

Agradeço à minha família, minha mãe e meu irmão, por todo o apoio e conselhos essenciais para o meu crescimento. Agradeço imensamente à minha mãe, não consigo imaginar a minha vida e os meus passos sem ela, Jocineide Vieira. Me educou sozinha, me ensinou que estudar é essencial e que “a caneta pesa menos que a enxada”, me fez a mulher que sou hoje. Sei que ainda não sou 1% da mulher forte e determinada que ela é, mas que ao decorrer dos meus dias eu consiga um dia ser. Trabalhou a vida inteira na limpeza de escolas, empresas, foi babá, tudo para dar um bom futuro para seus filhos. Seu maior sonho era estudar, entretanto teve que cuidar da família e, mesmo com todas as dificuldades que lhes eram impostas, tendo que trabalhar durante o dia todo com apenas 1h de intervalo, se dividia em ir em casa e deixar comida para mim e meu irmão e logo voltar para o trabalho. Conseguiu concluir o ensino médio com muita dificuldade, pois quando chegava da aula ainda cuidava do meu irmão, o que foi um marco de felicidade para a nossa família. Apenas gratidão à minha mãe por tanto e por tudo e que após o amor de Jesus por nós, nenhum nesse mundo é maior do que o meu por você, mãe.

Agradeço à minha avó que sempre torceu por mim, Zeneide Vieira, não concluiu os estudos por ter que optar em trabalhar e criar os filhos, mas sempre ficava feliz ao me ver indo para a faculdade e bastante preocupada quando eu voltava tarde da aula. Infelizmente, Deus a levou, mas meu sentimento de gratidão não muda e nem o meu amor.

No decorrer desses longos anos conheci muitas pessoas que fizeram parte da minha história acadêmica, agradeço à cada uma delas, em especial à minha dupla de TCC e de muitos outros trabalhos universitários e pessoais, Gabriela Ferreira, que se tornou além de uma amizade de estudo, hoje é uma amiga que pretendo levar para a vida e comemorar suas vitórias pessoais e profissionais, e o que conquistaremos juntas. Apesar de muito estresse, chegamos nessa fase final, um pouco cansadas e abatidas, mas jamais tão frágeis ao ponto de desistir por completo. Que a sua

caminhada seja repleta de sucesso e que Deus esteja sempre à frente. Espero que entenda que amo você e que a sua felicidade é a minha.

Agradeço ao meu companheiro, Radivan Souza, que nunca mediu esforços para me ajudar a me formar e que desde 2022 está comigo, me apoiando e torcendo por mim. Espero que possamos realizar todos os nossos sonhos e nossa vida seja baseada sempre nessa cumplicidade, respeito, amor e reciprocidade.

Obrigada à minha querida orientadora Dra. Vivian Vargas que teve toda a paciência e dedicação nesse processo final da graduação, no desenvolvimento do TCC, com os seus conhecimentos e instruções. Que nos momentos difíceis sempre nos acalmava e nos afirmava que iria dar certo. Obrigada pela positividade, apoio e confiança.

Agradeço à professora Dra. Rosane Garcia que desde o início não mediu esforços para nos ajudar e sempre nos alimentou de esperança e boas energias.

A todos os professores e intérpretes que participaram desse processo, muitíssimo obrigada, a contribuição de cada um foi essencial para o meu desenvolvimento dentro da universidade.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar as dificuldades enfrentadas pelos tradutores/intérpretes de Libras durante a realização de suas atividades no curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac, focando em profissionais que atuaram entre os anos de 2014-2021. O ano de 2014 foi o ano da primeira turma da referida graduação e 2021 foi marcado pela pandemia da Covid-19, momento no qual esses profissionais precisaram repensar suas metodologias de trabalho. Os dados foram gerados a partir de entrevistas com três tradutores/intérpretes de Libras. São trazidos como embasamento os estudos de Strobel (2009) e Quadros (2000; 2014; 2019), englobando a temática relacionada às identidades e culturas (Hall, 2020). Ao término da pesquisa percebemos que a contratação de mais profissionais se faz urgente, pois a demanda no ambiente universitário está cada dia maior; o revezamento e o envio dos conteúdos com antecedência também foram mencionados, além da valorização desses profissionais.

Palavras-chave: Culturas; Identidades; Letras Libras; Libras; Tradutores/Intérpretes.

ABSTRACT

This research objective was to investigate the difficulties faced by Libras translators/interpreters during their activities in the Letras Libras course at the Federal University of Acre – Ufac, focusing on professionals who worked between the years 2014-2021. The year 2014 was the year of the first class of the previously mentioned graduation and 2021 was marked by the Covid-19 pandemic, a moment in which these professionals needed to rethink their work methodologies. The information was generated from interviews with three Libras translators/interpreters. The studies by Strobel (2009) and Quadros (2000; 2014; 2019) are used as a basis, encompassing the theme related to identities and cultures (Hall, 2020). At the end of the research, we realized that hiring more professionals is urgent, as the demand in the university environment is increasing every day; the rotation and sending of content in advance were also mentioned, in addition to the appreciation of these professionals.

Keywords: Cultures; Identities; Letras Libras; Libras; Translators/Interpreters.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	A EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	15
2.2	A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....	17
2.3	IDENTIDADES E CULTURAS SURDAS.....	19
2.4	A PROFISSÃO DE TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS....	21
2.5	TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR - A UFAC COMO UM ESPAÇO ACESSÍVEL.....	24
3	PROPOSTA METODOLÓGICA.....	29
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
4	DISCUSSÕES E RESULTADOS.....	31
4.1	O QUE DIZEM OS TRADUTORES/INTÉRPRETES QUE ATUAM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	APÊNDICE.....	41

1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como língua das comunidades surdas brasileiras (Lei nº 10.436/2002) proporcionou aos surdos o direito ao uso da língua de sinais em espaços sociais antes raramente ocupados por eles devido à falta de acessibilidade linguística. Entremeando todo esse processo, ganharam evidência os profissionais tradutores/intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (TILSP), visto serem indispensáveis na/para interação social dos sujeitos surdos com ouvintes que desconhecem a língua de sinais. A regulamentação dessa profissão ocorreu recentemente, em 2010, através da Lei nº 12.319, que especifica as suas atribuições, formação e questões éticas relacionadas à sua atuação.

Durante muitos anos a tradução/interpretação de língua de sinais para as línguas orais, e vice-versa, foi realizada por familiares e amigos dos surdos, pessoas próximas a eles, e que faziam essa atividade de forma voluntária, especialmente no ambiente religioso. À medida em que os surdos foram conquistando espaço na sociedade, participando de debates por seus direitos, exercendo sua cidadania, a necessidade de profissionais para atuarem na área ficou mais evidente, sendo o processo impulsionado pelo reconhecimento das línguas de sinais, no caso do Brasil, da Libras.

A acessibilidade dos surdos enquanto um direito linguístico obrigou as instituições a disponibilizarem seus serviços de forma adequada a esse público, sendo essencial a presença do profissional tradutor/intérprete de língua de sinais (Quadros, 2004).

Entre essas instituições estão inseridas as universidades, pois a chegada de alunos e professores surdos nos cursos superiores e na pós-graduação trouxe a necessidade da inclusão do profissional tradutor/intérprete para intermediar o processo de ensino-aprendizagem proporcionando a acessibilidade. Assim, esse profissional é essencial, particularmente, nas salas de aula nas quais há docentes que não utilizam a Libras para interagir com os alunos surdos, sendo importante os estudos que venham investigar questões referentes aos trabalhos por eles desenvolvidos.

Como realizam a mediação entre ouvintes que desconhecem a Libras e os surdos, especificamente no caso deste trabalho, no ambiente universitário, esses

profissionais têm muita responsabilidade sobre como os conteúdos e as questões discutidas nas mais variadas disciplinas serão repassadas aos discentes surdos.

A qualidade desse trabalho refletirá na formação desses acadêmicos. Assim, é essencial que sejam profissionais que tenham conhecimento da Libras, sendo sinalizadores de qualidade, e possuam um bom domínio da língua portuguesa, visto o processo de tradução/interpretação ocorre a partir da recepção de uma informação em uma língua (fonte) e as escolhas adequadas para que ela seja repassada na língua alvo.

Além dos conhecimentos linguísticos, a profissão envolve preceitos éticos como:

a) confiabilidade (sigilo profissional); b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito) (Quadros, 2014, p. 28).

Pode-se observar que ser usuário da língua de sinais não é o único requisito para atuar como tradutor/intérprete, sendo preciso capacidades, habilidades e qualificações específicas. Nota-se, entretanto, que muitos profissionais vêm atuando tendo concluído apenas o ensino médio e realizado cursos básicos de Libras, o que pode gerar prejuízos aos surdos devido à qualidade da interpretação. Na Universidade Federal do Acre, a partir dos anos 2000 esses profissionais começaram a ser contratados, sem a exigência de curso superior. Em parte, isso se justifica, pois os cursos de bacharelado em Letras Libras, criados para formar esses profissionais, tiveram início em 2007, sendo criados pela Universidade de Santa Catarina. Assim, os profissionais com formação específica são pouco e não suprem a demanda existente nos mais diversos setores sociais, inclusive nas universidades.

Dessa forma, como esses profissionais são de suma importância, sua ausência impossibilita que os surdos participem de forma efetiva e acessível de diversas atividades, os desmotivando e fazendo com que tenham prejuízos educacionais e na interação social, têm sido contratados muitos sem a referida qualificação, pois a demanda tem aumentado significativamente nos últimos anos, devido os surdos terem ampliado seus espaços de interação, sociabilidade.

Muitos estudos com foco nos tradutores/intérpretes de Libras têm sido realizados, principalmente após o reconhecimento das línguas de sinais e desses profissionais, trazendo diferentes reflexões sobre essa área de atuação. França (2023) realizou uma pesquisa na qual analisou a formação identitário-profissional dos tradutores/intérpretes de Libras/Português do Núcleo de Apoio à Inclusão da Universidade Federal do Acre/Nai/Ufac, concluindo que esses profissionais têm diversas identidades e demonstraram conexão não apenas profissional com os surdos, mas também pessoal.

É necessário esclarecer que na Ufac há um grupo de tradutores/intérpretes de Libras que está sob a coordenação do Nai (Núcleo de Apoio à Inclusão), foco da pesquisa de França (2023); e outro grupo que está diretamente vinculado ao Centro de Educação, Letras e Artes (Cela), sob a coordenação do curso de Letras Libras. O primeiro grupo atende a diversos setores da universidade, desde as graduações, pós-graduações e eventos realizados na instituição; o segundo grupo dedica-se, exclusivamente, ao curso de Licenciatura em Letras Libras, foco desta pesquisa.

Assim, investigar sobre esses profissionais e sua atuação, especificamente no curso de Letras Libras da Ufac, traz contribuições para que sejam feitas reflexões acerca de suas práticas e sua influência na qualidade da formação do futuro docente surdo egresso do referido curso.

Tem-se então, como objetivo geral do trabalho investigar a atuação desse profissional no curso de Letras Libras da Ufac, refletindo sobre as dificuldades por eles encontradas para o desenvolvimento do seu trabalho, em decorrência das diferenças identitárias/culturais entre surdos e ouvintes.

Os objetivos específicos traçados foram:

- 1) Verificar como se deu o contato inicial dos tradutores/intérpretes que atuam no curso de Letras Libras (Ufac) com a Língua de Sinais e com a comunidade surda;
- 2) Observar a formação dos TILPS que atuam no referido curso;
- 3) Investigar, a partir das falas dos tradutores/intérpretes de Libras, geradas em entrevistas, as perspectivas apresentadas em relação ao trabalho realizado no curso de Letras Libras da Ufac;
- 4) Verificar como as diferenças identitárias/culturais entre surdos e ouvintes influencia o processo de tradução e interpretação realizado em sala de aula.

Fomos motivadas a realizar este trabalho em virtude de sermos alunas do curso de Letras Libras da Ufac e estarmos, ao longo de nossa graduação, observando o trabalho desses profissionais e sua importância, principalmente, em sala de aula.

O texto está organizado em três capítulos, sendo no capítulo inicial apresentadas questões sobre a educação das pessoas surdas e sobre os tradutores-intérpretes de Libras, a partir dos estudos de Strobel (2009) e Quadros (2000; 2014; 2019), englobando a temática relacionada às identidades e culturas (Hall, 2020). No segundo capítulo é apresentado o percurso trilhado para o desenvolvimento do estudo, sendo mostrada a metodologia que orientou as escolhas feitas. Por fim, no terceiro capítulo são trazidas as reflexões feitas a partir das entrevistas realizadas com os profissionais que atuam na Ufac como tradutores/intérpretes de Libras.

Após realizado o estudo, percebemos que durante a trajetória dos tradutores/intérpretes entrevistados eles depararam-se com dificuldade parecidas, sendo a falta do acesso ao conteúdo antes das aulas um dos desafios, para assim poderem se preparar para a interpretação e escolher estratégias para transmitir o assunto ao aluno. Os três entrevistados enfatizaram a necessidade de contratação de mais profissionais, para que haja revezamento, e a valorização destes profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo iremos abordar questões relacionados ao contexto histórico da educação dos surdos, algumas reflexões sobre culturas e identidades, o processo de formação dos tradutores/intérpretes e a importância desse profissional, principalmente na área educacional.

2.1 A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Por muito tempo, as pessoas surdas foram vistas como seres anormais, seres que não pensavam, portanto, não podiam participar ativamente da sociedade (Strobel, 2009). Na Grécia antiga acreditava-se que essas pessoas não eram capazes de se desenvolver mentalmente, pois não falavam, e naquela época a oralização era relacionada à inteligência, sendo os surdos considerados pessoas incapazes de serem educadas. Assim, esses indivíduos foram excluídos por muito tempo do convívio social com outras pessoas, apenas por não conseguirem se comunicar, e o modo pelo qual eles conseguiam se expressar e interagir com os demais não era aceito e nem reconhecido (Ribeiro; Santos *apud* Silveira, 2021, p.12).

Essa visão acabou mudando a partir da época em que o frei espanhol Pedro Ponce de Leon conseguiu mostrar, mediante estudos realizados com alguns surdos, que eles podiam sim aprender, a partir da escrita e dos chamados sinais metódicos, (Campello, *apud*, Silveira, 2021, p.14). O Frei começou a ensinar os surdos a falar e ler, para dar-lhes a oportunidade de receberem suas heranças, pois as pessoas que não falavam não podiam recebê-las. Para isso, Ponce de Leon baseou-se em um alfabeto manual criado para a comunicação entre os monges de um monastério, para ser usado durante os votos de silêncio que eles faziam. Era uma maneira de se comunicar usando somente as mãos, provando que era possível ter um meio de comunicação sem o uso da oralização. Consequentemente, comprovou-se a possibilidade de aprendizagem através de gestos (Strobel, 2009).

Outro religioso que teve grande importância e contribuiu para o processo de educação dos surdos foi Michel L'Épêe, que criou mais de 20 escolas direcionadas aos surdos, formando inclusive muitos professores surdos.

Fundou em 1760 a primeira escola pública para surdos, o instituto para jovens surdos e mudos de Paris, e treinou inúmeros professores para surdos, e publicou um livro sobre o ensino dos surdos e mudos de sinais metódicos. A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos (Goes; Campos, 2014 *apud*, Grace, 2018, p.15).

Assim, diversos estudiosos de outros países passaram a observar as técnicas utilizadas pelos religiosos e foram até eles em busca de conhecimento. Na Alemanha, em 1778, criava-se uma escola onde seu representante, chamado Samuel Heinick, usava a metodologia da oralização, assim repudiando a prática do uso de sinais, defendendo que o uso de sinais estava atrapalhando qualquer possibilidade de os surdos falarem. As metodologias do francês L'Épée e do alemão Heinick se confrontaram e ambas foram submetidas à análise da comunidade científica europeia da época. Os argumentos de L'Épée foram mais convincentes e, por isso, seu método foi aceito pelas demais escolas de surdos da Europa, enquanto para Heinick os recursos para a ampliação de seu instituto foram negados (Goldfeld, 1997, p. 26).

Um professor norte americano chamado Gallaudet foi até a Inglaterra em busca de informações sobre a educação de surdos, mas infelizmente voltou frustrado, pois eles se recusaram a repassar os métodos por eles utilizados para o ensino das pessoas surdas. Buscou, então, outros locais que trabalhavam com surdos e conseguiu na França informações sobre como era realizado o trabalho com essas pessoas. Ao retornar aos Estados Unidos, acompanhado de um professor surdo, aprendeu a língua de sinais francesa e criou a primeira escola para surdos do país (Strobel, 2009).

A sinalização foi sendo difundida e vinha sendo utilizada no processo de educação das pessoas surdas. Entretanto, em 1880, na Itália, ocorreu o chamado congresso de Milão que proibiu oficialmente o uso da língua de sinais, decretando que somente a oralização estava autorizada nos ambientes educacionais. Neste congresso:

Havia 164 delegados [...], sendo uma boa maioria de franceses e italianos a favor do oralismo, votou pela proibição da língua de sinais nas escolas da época. Apenas Estados Unidos e Inglaterra eram a favor do uso da língua de sinais. Os próprios educadores surdos foram proibidos de votar. Com a influência de Grahm Bell pelas criações de aparelhos auditivos, admirados e criados como uma solução para a “cura” da surdez, o Congresso finalizou com a aprovação do método oral, único e exclusivo para a educação de surdos (Strobel, 2009, p. 33).

Por muitos anos o foco da educação dos surdos era o de “curá-los”, com treinamentos exaustivos com o intuito de que oralizassem e fizessem a leitura labial e, assim, se aproximassem do “normal”, a utilização das línguas orais.

Após, aproximadamente, 100 anos do domínio do oralismo, estudos relacionados às línguas de sinais começam a ser difundidos, e seu uso foi aos poucos sendo retomado, sem a necessidade dos seus usuários o fazerem de forma clandestina. Todo esse processo de recusa da língua de sinais contribuiu para que perdurasse, por muito tempo, a negação da necessidade de acessibilidade linguística aos surdos nos mais diversos setores sociais, inclusive nas instituições de ensino.

2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

No Brasil, o primeiro a demonstrar interesse pela educação de surdos foi Dom Pedro II, motivado pelo fato de seu neto ser surdo, filho da princesa Isabel, que era casada com Conde D’eu. Assim, D. Pedro II tinha interesse na educação dos surdos e na fundação do Instituto de Surdos-Mudos (Honora, Frizanco, 2009, p. 27). Em 1855, o professor surdo francês Hernest Huet chega ao Brasil, a convite de Dom Pedro II, para fundar a primeira escola de surdos, com o intuito de ensinar os surdos brasileiros. Em 1857 é fundado o Ines (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos, à época de sua criação chamado Imperial Instituto de Surdos-Mudos) que também servia como um orfanato para meninos surdos.

Ao longo de quase duzentos anos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos passou por diferentes denominações, sendo a mudança mais significativa ocorrida em 1957, quando a palavra "Mudo" foi substituída por "Educação". Essa alteração refletia o movimento de modernização da década de 1950 no Brasil, no qual o Instituto e suas discussões sobre a educação de surdos estavam inseridos. Observa-se que:

[...] quando a Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, denominou-o ‘Imperial Instituto de Surdos-Mudos’ (...), o artigo 19 do Decreto nº 6.892 de 19-03-1908, mandava considerar-se o dia 26 de setembro como a data de fundação do Instituto, o que foi ratificado pelos posteriores regulamentos, todos eles aprovados por decretos. Inclusive o Regimento de 1949, baixado pelo Decreto nº 26.974, de 28-7-49 e o atual, aprovado pelo Decreto nº 38.738, de 30-1-56, (publ. No D. ° de 31-1-56), referindo à denominação de ‘Instituto Nacional de Surdos-mudos’ (...) Tal instituição viu seu nome modificado recentemente pela Lei nº 3.198, de 6-7-57 (publ. No D. ° de 8-7- 57), para ‘Instituto Nacional de Educação de Surdos’ [...] (Doria, 1958, p. 171).

Surdos de diferentes regiões iam para o Rio de Janeiro, com suas variadas formas de sinalização, estudar no Ines. No instituto era utilizada a Língua de Sinais Francesa (LSF), trazida por Huet. Assim, foi sendo constituída a Língua Brasileira de Sinais, como um misto das sinalizações utilizadas pelos alunos e a LSF. Ao retornarem para suas regiões levavam o que tinham aprendido, difundindo, assim, a língua.

Em 1881, a Língua de sinais foi proibida no instituto e em todo o Brasil, devido ao congresso de Milão (1880), tendo como consequência dessa decisão a redução do número de docentes surdos e o aumento das contratações de professores ouvintes, que utilizariam a oralização no processo educacional dos surdos. Durante esse congresso, chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados exclusivamente pelo método oral, conhecido como oralismo.

Ao professor A.J. de Moura e Silva, do Ines, foi solicitado, pelo governo brasileiro, que visitasse o Instituto Francês de Surdos, em 1896, com o objetivo de avaliar a eficácia do oralismo. Após sua visita, o professor concluiu que o método do oralismo não era adequado para todos os surdos. Entretanto, permaneceu sendo usado por muitos anos (Rinaldi, 1998).

Atualmente, o Ines oferece da educação infantil ao ensino médio, tendo também cursos técnicos e superiores. O instituto não funciona mais como internato e tem como objetivo promover a educação bilíngue dos surdos, trabalhando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), primeira língua desses alunos, e o português escrito, como segunda língua. Há também programas de formação para profissionais que trabalham com os surdos e a língua de sinais, sendo desenvolvidas pesquisas e elaboração de materiais didáticos para a comunidade surda.

Além do Ines, outra instituição importante para a comunidade surda é a Feneis. Em 16 de maio de 1987, foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), uma entidade dedicada a promover os direitos linguísticos e culturais da comunidade surda. A princípio, o seu principal foco foi o de contribuir com os movimentos sociais dos surdos para o reconhecimento da Libras.

A Feneis tem como objetivo principal difundir a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio natural de comunicação para as pessoas surdas. Além disso, a federação trabalha pela inclusão de profissionais surdos no mercado de trabalho e realiza pesquisas para a sistematização e padronização do ensino de Libras para pessoas ouvintes. A Feneis desempenha um papel fundamental na defesa e promoção dos direitos da comunidade surda no Brasil.

A Feneis trabalha em parceria com as associações de surdos brasileiros, com cerca de 120 filiadas desde o Sul até o norte do Brasil. A Feneis começa uma articulação social e política em todo o território nacional por meio de eventos que realiza juntamente com as suas afiliadas e em parcerias com instituições educacionais. O tema principal das palestras oferecidas pelos representantes da Feneis está relacionado com o reconhecimento da língua de sinais e da pessoa surda. Além desta estratégia, a Feneis passa a representar os surdos brasileiros nas instâncias governamentais (Quadros; Stumpf, 2018, p. 18-19).

Essa federação vem contribuindo para o ensino e difusão da língua de sinais, tendo sido responsável pelo início da formação de muitos tradutores/intérpretes de Libras, em virtude da necessidade da presença desses profissionais em eventos, palestras e formações oferecidas pela Feneis.

Em 24 de abril de 2002 foi promulgada a Lei 10.436 que reconhece a Libras como língua utilizada pelas comunidades de pessoas surdas no Brasil, o que contribuiu para a divulgação da língua no país. Após o reconhecimento da Libras, os surdos começaram a adentrar de forma mais intensa em diversos espaços sociais nos quais antes, devido a questões linguísticas, não tinham acesso, inclusive no ambiente universitário, sendo necessária a contratação de tradutores/intérpretes de Libras para mediar a comunicação deles com os ouvintes que desconhecem a Libras, para que tivessem acessibilidade linguística.

Na sequência do texto serão trazidos alguns pontos relacionados às identidades e culturas dessas pessoas, reflexões necessárias para que seja pensada a diversidade e acessibilidade.

2.3 IDENTIDADES E CULTURAS SURDAS

Quando pensamos em identidades surdas, logo nos vem as perguntas: Será que todos os surdos possuem as mesmas identidades? Quais são essas identidades? É importante o entendimento de que a identidade é algo construído no decorrer do tempo e do contato do indivíduo com o mundo, assim, cada pessoa possui as suas identidades.

O surdo começa a descobrir suas identidades a partir dos espaços onde está inserido, seja no meio familiar, religioso, escolar. O entorno social influencia as construções das identidades. Podemos observar, por exemplo, formações identitárias diferentes em surdos que participam da comunidade surda e surdos que não participam (Perlin, 1998).

As identidades surdas são naturais, criadas a partir do contato dos surdos com a língua de sinais. Entretanto, como a maioria dos surdos nasce em família ouvinte que desconhece os sinais, é criada uma forma de comunicação dessas pessoas com suas famílias, sendo tardia o contato da maioria dos surdos com a língua de sinais (Perlin, 1998; Moura, 2000 *apud* Santana; Bergamo, 2005 p.567)

Hall (2020) destaca três perspectivas diferentes sobre identidade, entre elas, o sujeito iluminista que apresenta ser totalmente egocêntrico, individualista, que mesmo com a mudança do tempo e das pessoas se preservaria da mesma forma.

Esse ponto de vista refletia diretamente na forma como os surdos eram vistos. Uma vez que o sujeito do Iluminismo estava voltado às questões científicas, ao raciocínio, buscava-se em relação aos surdos maneiras de curá-los, de fazer com que se aproximasse ao máximo dos ouvintes, de “melhorar”, “aprimorar” seus resquícios de audição (Vargas, 2023, p 26).

No segundo ponto de vista sobre a identidade, Hall (2020) apresenta o sujeito sociológico, que diferentemente do anterior, compartilha com o mundo as suas experiências, tornando-se um ser totalmente sociável, partilhando a cultura na qual está inserido. Esse modo do sujeito interativo e ativo demonstra que o surdo é um ser que tem capacidade de aprender e pode ser envolvido na sociedade e interagir.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais (Hall, 2020, p. 6).

Por fim, em relação às concepções de Hall (2020), há o sujeito pós-moderno, um ser sem identidade definida, aquele que se molda conforme percorre os meios sociais e estruturais. Alguém que era estabilizado aos poucos vai se transformando e se modificando. Assim, o sujeito pós-moderno é visto como aquele que está em constante mudança, não tendo, assim, identidades fixas. As representações culturais e sociais influenciam esses movimentos, de forma que as pessoas tenham modificadas suas identidades no decorrer dos dias, a depender de suas experiências, das interações realizadas, do entorno que as cercam (Hall, 2020).

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada,

permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica [...]. [...] é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada (Silva, 2014, p. 96).

Dessa forma, os sujeitos surdos têm variadas identidades, diferentes formas de se relacionar com o mundo e com as línguas de sinais. Muitos surdos chegam à escola sem conhecer essas línguas, visto virem de famílias ouvintes que as desconhecem ou não aceitam o seu uso. Os sujeitos surdos precisam ser percebidos não com pessoas às quais falta algo, pessoas com deficiência, mas como indivíduos que têm especificidades linguísticas, uma forma diferenciada de interagir, a partir de suas percepções visuais.

A cultura não é segregada, ela se constitui a partir do contato, da interação social. A sociedade é constituída, em sua maioria, por pessoas ouvintes que, apesar de utilizarem suas línguas orais, influenciam as constituições identitárias das pessoas surdas e são por elas influenciadas. Assim, os surdos brasileiros têm suas identidades constituídas pelas culturas brasileiras e influenciam identidades daqueles que os cercam. Não há bipolaridade cultural, as culturas se interrelacionam nos diversos setores sociais, sendo as instituições de ensino ambientes de interações e trocas culturais, apesar de, muitas vezes, ser eleita uma cultura como “a melhor”, havendo tentativas de homogeneização. Ao longo dos anos os surdos vêm sendo resistentes a essas imposições, principalmente à imposição das línguas orais em detrimento às línguas de sinais. Como consequência dessas resistências, a acessibilidade está cada vez mais urgente em todos os setores sociais, sendo os tradutores-intérpretes parte desse processo.

Na sequência serão trazidas algumas questões relacionadas aos profissionais tradutores-intérpretes de Libras, importantes na interação social entre surdos e ouvintes que desconhecem as línguas de sinais, primordialmente, no ambiente educacional, universitário, foco desta pesquisa.

2.4 A PROFISSÃO DE TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS

O início dos trabalhos desenvolvidos pelos tradutores/intérpretes de línguas de sinais (TILS) deu-se, em geral, a partir de atividades voluntárias, sendo realizados por ouvintes, familiares e amigos, próximos aos surdos. Somente após os surdos

adquirirem notoriedade na sociedade e serem reconhecidas as línguas de sinais, foram alcançando espaço e tendo suas práticas reconhecidas como uma importante profissão para garantia do acesso e interação dos surdos nos mais diversos setores sociais (Quadros, 2004; Santos, 2006 *apud* Coimbra, 2018).

O profissional tradutor/intérprete da língua de sinais é fundamental para a comunidade surda, visto intermediar as relações entre os surdos usuários de Libras e os ouvintes que desconhecem essa língua. Segundo França “[...] a profissionalização dos TILSPs está atrelada às diferentes formas de visibilidades que as pessoas surdas foram adquirindo ao longo do tempo” (França, 2023, p. 30).

Essa profissão foi regulamentada no Brasil em 2010, pela Lei nº 12.319. Em seu artigo primeiro é especificado quem é esse profissional: “I – tradutor e intérprete: o profissional que traduz e interpreta de uma língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentem” (Brasil, 2010). Dessa forma, os TILSPs realizam um trabalho no qual estão envolvidas línguas de modalidades diferentes – a língua de sinais em sua modalidade visual-espacial e as línguas orais em sua modalidade oral-auditiva e escrita,

[...] chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada. Em resumo, a tradução é escrita e a interpretação, oral (Amorim, 2015, p. 180).

Esses profissionais atuam nos mais diversos contextos sociais, envolvendo atendimentos na área de saúde, no setor jurídico, em atividades culturais, em questões familiares, no ambiente educacional, enfim, onde houver necessidade de estabelecimento de interação entre usuários e não usuários da Libras ou de quaisquer outras línguas de sinais, proporcionando a acessibilidade linguística a esses sujeitos. Sendo assim, “Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (Brasil, 2010)”.

Após apresentar quem são esses profissionais, a legislação traz suas atribuições, em seu Art. 6º:

- I - Efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
- II - Interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
- III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
- IV - Atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
- V - Prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (Brasil, 2010).

Um dos setores nos quais tem-se significativa demanda por esses profissionais é no educacional. A atuação desses profissionais, especificamente nos ambientes escolares, não pode ser reduzida à mera sinalização, visto ser um processo complexo no qual estão envolvidos, além deles, os surdos, os professores e outros alunos, ou seja, surdos e ouvintes, sendo assim eles estão mediando questões linguísticas e culturais, visto as percepções e interações com o mundo serem diferenciada entre esses sujeitos.

[...] a diferença é reconhecida, os ouvintes objetivam dar lugar às experiências surdas. A lógica da civilização ouvinte não é mais a que impera. A lógica passa a ser a de reconhecimento de que há a civilização da fala, da escuta, da leitura, e que há, também, a civilização dos surdos, da língua de sinais, da expressão corporal, do olhar. A experiência da diferença relativiza as oposições (Perlin; Quadros, 2006, p. 175).

O processo de aprendizagem do aluno surdo, além de contar com o trabalho do docente tem a presença do tradutor/intérprete, e juntos são responsáveis por mediar a comunicação e o acesso às informações ao aluno surdo. Entretanto, é importante que os papéis não se misturem, não devendo os tradutores/intérpretes assumirem a função de professores. Os surdos são alunos do docente, assim como o restante da turma, e não dos profissionais que realizam a intermediação da interação entre eles.

O tradutor/intérprete de língua de sinais deve ser um profissional capacitado para traduzir e interpretar da língua oral para a língua de sinais ou vice-versa, lidando com diversos conteúdos. Sua função é intermediar a interação entre pessoas surdas e ouvintes em diferentes contextos.

Os tradutores/intérpretes precisam estar em constante contato com a comunidade surda, visto as línguas de sinais estarem sempre mudado. Além disso, é

preciso que seja estabelecida uma relação de confiança entre o profissional e o surdo, devendo seu trabalho ser feito de forma mais imparcial possível, sendo fiel aos conteúdos discutidos durante o processo de tradução/interpretação, não deixando que suas crenças e opiniões particulares influenciem em sua sinalização.

2.5 TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR - A UFAC COMO UM ESPAÇO ACESSÍVEL

As legislações que tratam sobre a inclusão das pessoas com deficiência tiveram destaque a partir da década de 90, passando a acessibilidade linguística das pessoas surdas a ser discutida, primordialmente no ambiente escolar.

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades. Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas devem REVER uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (Declaração De Salamanca, 1994).

Assim, esse processo de inclusão que, a princípio estava voltado para as crianças, na educação básica, atualmente deve ocorrer em todos os níveis educacionais, inclusive nas universidades. A Lei nº 10.098/2000 estabelece normas gerais para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência. Em relação aos surdos, especifica que:

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (Brasil, 2000).

Em 2015 foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146) sendo garantida “IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como

primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” e a acessibilidade às pessoas surdas nos mais variados setores sociais. Percebe-se que a demanda por profissionais tradutores/intérpretes de Libras vem aumentando, pois os surdos estão ampliando seus ambientes de sociabilidade, inclusive como discentes nas universidades. Assim, como a educação é um direito de todos, o ambiente universitário deve promover a acessibilidade dos alunos e servidores surdos, respeitando o direito que têm à inclusão.

Faz-se necessário que sejam profissionais que tenham formação adequada, conforme menciona o Decreto 5.626/2005:

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras -Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil: I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior; II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental (Brasil, 2005).

Os tradutores/intérpretes de Libras precisam ter formação específica, não bastando serem usuários de Libras. A atuação no ensino superior requer muita habilidade e capacitação desses profissionais, visto atuarem nos mais diversos cursos, com discussões variadas. No ensino superior, o tradutor/intérprete de língua de sinais desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e acessibilidade de estudantes surdos. Sua presença é fundamental para assegurar que esses estudantes tenham equidade no acesso dos conteúdos acadêmicos, que possam participar realmente das aulas e interagir de forma efetiva com seus colegas e professores.

Esses profissionais podem realizar um trabalho em conjunto com os docentes, contribuindo no processo de adequação de materiais didáticos/slides, tradução de textos e de outros recursos visuais que possam contribuir com a acessibilidade dos surdos. Além de atuarem em sala de aula, promovem a acessibilidade em reuniões,

eventos acadêmicos e atividades extracurriculares. Sua presença é essencial para garantir que esses estudantes possam participar plenamente da vida universitária, se envolverem nas atividades oferecidas e se sentirem incluídos na comunidade acadêmica.

De acordo com Silva (2013), a função do intérprete de língua de sinais no ensino superior vai além de facilitar a comunicação entre estudantes surdos e professores. Ele também desempenha um papel fundamental na promoção e fomento da inclusão do aluno surdo em todos os aspectos da vida acadêmica. Isso inclui a integração com os demais alunos, professores e todos os atores sociais envolvidos na instituição.

Assim, o ambiente universitário tem sido um espaço ocupado pelos surdos de forma significativa após 2002. Na Universidade Federal do Acre (Ufac), desde o reconhecimento da Libras e a chegada dos tradutores/intérpretes na instituição, muitos desses discentes vêm tendo acesso e concluindo seus cursos superiores. Um dos cursos com maior procura por esses estudantes é a graduação em Letras Libras, na qual mais de 10 surdos se formaram desde a sua criação, em 2014. Recentemente, França (2023) em sua pesquisa intitulada “O tradutor-intérprete de Libras/Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre do Núcleo de Apoio à Inclusão: formações, identidades e características linguísticas das/nas práticas sociais”, constatou, entre outros, a proximidade desses profissionais com os surdos usuários de Libras, além do ambiente universitário, como fator que tem contribuído para o desenvolvimento da produção do trabalho na academia. Dessa forma, nota-se que é essencial o envolvimento dos TILSPs com a comunidade surda, pois é necessário familiaridade com as questões identitárias e culturais para que o trabalho ocorra em uma perspectiva que atenda a esse público.

De acordo com Ansay (2009), a permanência dos surdos nos cursos de graduação muitas vezes é repleta de dificuldades causadas, entre outros, pelo despreparo de professores, o uso de materiais didáticos de forma inadequada para esses alunos, vídeos sem legendas, regências sem o uso de materiais visuais, pouca iluminação nas salas e a ausência de profissionais tradutores/intérpretes. Assim, desde 2014, quando teve início a primeira turma do Letras Libras na Ufac a acessibilidade tem sido uma preocupação constante para que o curso possa se adequar, a cada dia, às especificidades dos estudantes surdos, sendo os TILSPs parte desse processo de ensino-aprendizagem.

Uma das principais demandas da comunidade surda é o acesso à comunicação por meio de tradutores/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras). No entanto, a contratação desses profissionais enfrenta diversas dificuldades, como a falta de concursos públicos, a falta de visibilidade, entre outras.

Segundo o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, os órgãos públicos devem garantir o atendimento e o tratamento adequado aos surdos por meio de intérpretes de Libras. No entanto, desde 2005, apenas dois concursos públicos foram realizados para a contratação de intérpretes de Libras no âmbito federal, sendo o último em 2014. Isso significa que há uma grande defasagem de profissionais efetivos para atender à demanda da comunidade surda, especialmente nas áreas de educação, saúde e justiça.

Diante dessa situação, muitos órgãos públicos recorrem à contratação de intérpretes de Libras por meio de empresas terceirizadas, que oferecem serviços de baixo custo financeiramente até mesmo para terem visibilidade e faturamento. Diante dessa atitude existem alguns pontos para serem observados, dentre eles:

A desvalorização profissional: os intérpretes de Libras contratados por empresas terceirizadas recebem salários baixos, não têm direitos trabalhistas garantidos e nem oportunidades de capacitação e atualização. Além disso, sofrem com a falta de reconhecimento e respeito por parte dos contratantes, que muitas vezes não entendem o papel e a importância do intérprete de Libras na comunicação com os surdos.

A rotatividade de intérpretes: os intérpretes de Libras contratados por empresas terceirizadas não têm vínculo empregatício com os órgãos públicos e podem ser substituídos a qualquer momento. Isso impede a construção de uma relação de confiança e continuidade entre o tradutor/intérprete e o surdo, que é essencial para a interação efetiva e respeitosa. Além disso, dificulta o acompanhamento e a avaliação do trabalho do intérprete, que pode comprometer a qualidade do serviço prestado.

Os prejuízos aos surdos: os intérpretes de Libras contratados por empresas terceirizadas nem sempre têm a formação e a experiência necessárias para atuar em diferentes contextos e situações. Isso pode gerar interpretações inadequadas, incompletas ou distorcidas, que violam o direito dos surdos à informação e à participação social.

Dessa forma "[...] o intérprete deve ser um profissional competente, que conheça profundamente as línguas envolvidas na interpretação, que tenha domínio dos conteúdos específicos das áreas em que atua e que respeite os princípios éticos da profissão" (Quadros, 2004, p.28)

Atualmente, no campus sede, em Rio Branco, a UFAC conta com 12 tradutores/intérpretes de Libras, sendo 10 servidores efetivos e 2 terceirizados, que atuam em diferentes cursos e turnos. Esses profissionais estão divididos entre os que são lotados no NAI e os que atuam no curso de Letras Libras, sendo organizados de forma que os surdos tenham acessibilidade nos mais diversos espaços da universidade.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA

Neste capítulo serão apresentados os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, esclarecendo como foram escolhidos os participantes do trabalho e como os dados foram gerados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi norteada pelo método qualitativo, pois não se teve a intenção de numerar ou medir unidades. Segundo Flick (2009, p. 37) esse tipo de trabalho busca “[...] a análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. Outro autor que contextualiza “pesquisa qualitativa” é Goodoy (1995), afirmando que essa abordagem dispõe de três possibilidades diferentes de uma pesquisa ser realizada, sendo elas, pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Neste trabalho foi realizado um estudo de caso.

Caracterizada como uma pesquisa descritiva que, de acordo com Gil (2008, p. 28), “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis [...]”. Desta forma, compreendemos que a descrição dos dados se faz necessária para que a pesquisa seja estruturada corretamente.

A pesquisa teve como foco os tradutores/intérpretes de Libras que atuaram na Ufac entre os anos de 2014 e 2021 para observarmos o trabalho dos profissionais em momentos variados, sendo eles o início do curso e o período da pandemia da Covid-19, no qual ocorreram modificações na metodologia de trabalho destes profissionais.

Os dados da pesquisa foram gerados a partir de entrevista com tradutores/intérpretes de Libras que atuaram no curso de Letras Libras no período anteriormente mencionado. A princípio, pensamos em entrevistar quatro profissionais, porém, tivemos dificuldade e resistência por parte da categoria em participar da pesquisa. Após muito insistirmos, conversarmos, conseguimos que três profissionais participassem das entrevistas e optamos por utilizar nomes fictícios para nos referirmos a eles. Devido à dificuldade de horário para realizarmos as entrevistas pessoalmente, as questões foram encaminhadas por e-mail, juntamente com o Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido, de forma que os participantes tivessem mais flexibilidade para respondê-las.

Com o objetivo de investigar a atuação desse profissional no curso de Letras Libras da Ufac, e refletir sobre as dificuldades por eles encontradas para o desenvolvimento do seu trabalho, em decorrência das diferenças identitárias/culturais entre surdos e ouvintes, foram propostas aos participantes as seguintes questões:

- 1) Como ocorreu o seu contato inicial com a comunidade surda?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Quando e onde começou a trabalhar como tradutor-intérprete de Libras?
- 4) Quando e como foi o processo seletivo para a sua entrada na universidade?
- 5) Fale sobre a sua atuação como tradutor-intérprete na Ufac.
- 6) Quais as dificuldades sentidas durante o desenvolvimento de seu trabalho, especificamente no Letras-Libras?
- 7) Como foi lidar com o período de condição adversa da pandemia da covid-19 no qual houve modificações em torno do ambiente de trabalho?
- 8) O que você indica como modificações necessárias para a melhoria das condições de trabalho dos tradutores/intérpretes na Ufac.

No terceiro capítulo serão apresentados os participantes da pesquisa e analisadas suas falas em relação às suas atuações e perspectivas sobre o trabalho que desenvolvem. As entrevistas constam na íntegra no apêndice deste trabalho localizada na página 40.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Este capítulo está destinado a apresentação das falas dos nossos entrevistados, e a observação do seu ponto de vista, considerando-se que eles são nossa fonte de pesquisa.

4.1 O QUE DIZEM OS TRADUTORES/INTÉRPRETES QUE ATUAM NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Os três participantes da pesquisa têm atuado no curso de Letras Libras como tradutores/intérpretes de Libras e contribuído de forma significativa no referido curso, intermediando a comunicação entre aqueles que sinalizam e os que desconhecem a Libras. O primeiro entrevistado, Francisco, começou a trabalhar na Ufac em 2017, a partir de aprovação em concurso público, no qual ficou em terceiro lugar. A princípio esteve sob a coordenação do Nai (Núcleo de Apoio à Inclusão), atuando no curso de Saúde Coletiva e passando, a partir de 2021, a ser lotado no curso de Letras Libras. Jaqueline, a segunda entrevistada, prestou concurso em 2014, mediante a realização de prova teórica e prática – sinalizada (português para Libras) e versão voz (Libras para português). A terceira participante, Solange, também atua na instituição desde 2014, tendo prestado o mesmo concurso que Jaqueline, concurso para técnico administrativo educacional em nível D. Atualmente, ela está sob a coordenação do Nai.

Percebe-se que, apesar de se tratar de uma instituição de ensino superior, na qual são discutidos, de forma profunda, variados assuntos de áreas distintas, os concursos públicos para tradutores/intérpretes de Libras realizados pelos entrevistados estavam na classificação de nível D, exigindo como formação escolar o ensino médio, o que pode ser prejudicial para a realização das interpretações e traduções em decorrência da ausência de uma formação adequada. Entretanto, os três profissionais são graduados: Francisco possui duas graduações:

Sou tecnólogo em Gestão Ambiental, formado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Ifac e Licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre – Ufac. Além disso, também fiz duas especializações, sendo uma em educação especial e inclusiva e a outra em Libras (Francisco, 05 de dezembro de 2023)

Jaqueline é formada em Letras Vernáculas e tem pós-graduação em “Gramática e educação inclusiva”; Solange é graduada em Pedagogia e Artes Visuais, com pós-graduação em “Ensino, Tradução e Interpretação de Libras”, e Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade pela Ufac. Nota-se que nenhum possui o bacharelado em Letras Libras, curso superior cujo objetivo é formar os tradutores/intérpretes de Libras. Poucos são os profissionais com essa formação, visto o curso ser novo, criado após ter entrado em vigor o decreto 5.626/2005, e por serem poucas as universidades que disponibilizam essa formação, sendo uma delas a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

É importante destacar que o fato de os três profissionais serem concursados e se dedicarem ao trabalho na instituição, particularmente ao Letras Libras, é positivo para o curso e para os discentes surdos, pois há familiaridade com os conteúdos que vêm sendo trabalhados nas turmas, com os docentes, surdos e muitos dos sinais utilizados na área de letras. Jaqueline menciona que:

[...] eu sou intérprete fixa do curso de Letras Libras e eu acho que eu me desenvolvi melhor aqui porque é uma área específica. Então a gente está sempre em contato com os conteúdos daqui [...]. (Jaqueline, 10 dezembro de 2023)

Nesse sentido, corroboramos com Vargas quando afirma que:

Foi possível perceber que, com o passar dos períodos, os problemas e reclamações em relação aos profissionais tradutores-intérpretes tiveram uma considerável redução, pois como esses profissionais foram acompanhando as turmas, criou-se familiaridade com os conteúdos e materiais trabalhados, além do desenvolvimento da percepção da forma de trabalho de cada docente e amadurecimento profissional, o que gerou maior segurança e qualidade da sinalização (Vargas, 2023, p. 123).

Assim, quando há trocas frequentes desses profissionais o trabalho é prejudicado, não sendo realizado com a mesma qualidade, visto ser necessário um período para o profissional se familiarizar com as discussões.

O início do contato dos entrevistados com a comunidade surda ocorreu de diferentes formas. Francisco relata que seu primeiro contato com a comunidade surda ocorreu em 2009, quando conheceu o namorado surdo de uma amiga. À medida que foi convivendo com o rapaz surdo foi aprendendo Libras, dando início à sua atuação como tradutor/intérprete em 2013.

Jaqueline conta que tem um sobrinho surdo:

[...] a partir da necessidade que eu vi dele de se comunicar com a família eu comecei a frequentar um curso de Libras básico, na época no CEES, e eu gostei muito do curso e aí eu me voluntariei para ficar trabalhando, se caso eles precisassem e na época, o Lico, que era um professor surdo, me indicou como intérprete para experimentar, né? Fiz o experimento como intérprete numa escola educação fundamental, o Neutel Mail, em 2005 e iniciei esse trabalho, mas o meu primeiro contato com pessoa surda foi o meu sobrinho. (Jaqueline, 10 de dezembro de 2023)

Solange explica que o seu contato com a Libras teve início em 2001, quando namorava um rapaz que trabalhava como motorista da escola CEES, começando, então, a fazer cursos de curta duração na instituição. Ela detalha que os sinais eram ensinados de forma descontextualizada pelos surdos, visto ainda não haver o material denominado Libras em Contexto, aprendendo efetivamente a partir do contato com a comunidade surda e iniciando seu trabalho como tradutora/intérprete em 2002.

O início do percurso profissional dos entrevistados é semelhante ao que é mostrado por Quadros (2004) quando destaca que muitos iniciam suas carreiras por terem proximidade com surdos, sendo familiares ou amigos.

Durante as entrevistas são trazidos pelos profissionais alguns empecilhos, percalços que dificultam suas atuações profissionais. Entre eles, Solange destaca o fato de, principalmente os profissionais do NAI, serem direcionados aos mais diversos espaços da universidade:

É uma prática muito difícil, complexa na questão das áreas de estudo, estamos em todos os níveis de ensino, no ensino, pesquisa e extensão, palestras, parcerias com outras instituições e todos os cursos de graduação e pós-graduação em que esteja o acadêmico surdo. Exaustivo por requerer muitas horas trabalhadas (Solange, 22 de janeiro de 2024).

O fato de permearem diferentes espaços, com profissionais e surdos possuidores de identidades diversas, aspectos sociais diversos e discussão variadas, em sua maioria, que não são de suas áreas de formação, faz com que os tradutores/intérpretes repensem suas identidades como profissionais, se reinventando e buscando se adequar a cada ambiente. Assim, podemos trazer novamente Silva e sua afirmativa de que:

[...] a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica [...]. [...] é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada (Silva, 2014, p. 96).

A afirmativa de Solange deixa explícita que para o processo de interpretação e tradução não basta que o profissional seja usuário de língua de sinais, mas que detenha também conhecimentos diversos, entre eles culturais, técnicos, gramaticais, relacionados às lutas surdas, à acessibilidade e outros. É preciso que constantemente ele reflita sobre o fazer linguístico e cultural no qual está envolvido e sobre as interrelações entre surdos e ouvintes.

Em relação à questão de ser uma profissão exaustiva, com muitas horas trabalhadas, foi incluído, em 2023, na lei que regulamenta a profissão, Lei nº 12.319/2010, um artigo que delimita o número de horas diárias de trabalho a 6h, trazendo a questão do revezamento entre profissionais, em caso de necessidade de muito tempo de interpretação:

Art. 8º-A. A duração do trabalho dos profissionais de que trata esta Lei será de 6 (seis) horas diárias ou de 30 (trinta) horas semanais. (Incluído pela Lei nº 14.704, de 2023).

Parágrafo único. O trabalho de tradução e interpretação superior a 1 (uma) hora de duração deverá ser realizado em regime de revezamento, com, no mínimo, 2 (dois) profissionais (Incluído pela Lei nº 14.704, de 2023).

Percebe-se que esta era uma reivindicação da categoria, sendo incluída recentemente na legislação, visto a tradução/interpretação serem processos de adequações de uma língua espaço-visual para uma língua oral-auditiva, requerendo um trabalho mental intenso dos profissionais, o que faz com que a qualidade da sinalização/oralização se perca após determinado tempo de atuação.

Solange também destaca que o início do Letras Libras na Ufac, em 2014, gerou insegurança em todos, pois eram quatro alunos surdos na primeira turma, sendo o curso novo e todos estavam se adequando. Ela esclarece que o processo de acessibilidade foi uma construção.

Confesso que errei muito nessa época, hoje faria diferente, mas todo erro tem seu lado positivo, olhar e fazer diferente no presente. O repensar a prática é algo positivo para o curso, contribuindo significativamente para a qualidade do trabalho (Solange, 22 de janeiro de 2024).

Francisco e Jaqueline apontam como maiores dificuldades encontradas no curso a questão de não ser feito o envio, com antecedência, na maioria dos casos, dos conteúdos trabalhados, para que pudessem estudar e escolher as melhores

estratégias de sinalização. Entretanto, nem sempre isso ocorre, sendo muitas vezes a eles enviados na véspera das aulas, após seus horários de trabalho.

O período da pandemia da Covid-19, no qual foi necessária a realização de trabalhos remotos, foi exaustivo para os tradutores/intérpretes.

Francisco destaca que:

Foi um período bem complicado, pois em um dia estávamos em sala de aula e no outro tudo estava fechado e ninguém podia sair de casa. Nesse período ficamos alguns meses sem aula até a universidade se adaptar ao momento ainda complexo. Quando as aulas voltaram foi muito estranho, pois as pessoas que víamos pessoalmente todos os dias tinham se transformados em bolinhas com foto na tela de um computador ou celular. As aulas passaram a ser por meio de ambientes virtuais de ensino e nós que até então não tínhamos o hábito de passar uma manhã inteira em frente a um computador precisamos nos adaptar (Francisco, 05 de dezembro de 2023).

Jaqueline destaca que ficou sob a responsabilidade dos tradutores/intérpretes toda a organização e custeio para a realização do trabalho, não havendo nenhum apoio da instituição em relação a equipamentos, luz e internet. *“Meu Deus a internet caiu e agora??? Será que vão pensar que eu desliguei? Que eu não quero trabalhar? Será que vão pensar...?”* Jaqueline conta que no período sua filha era pequena e que, em muitos momentos, precisava se adequar para trabalhar e cuidar da filha ao mesmo tempo, sendo muitas vezes necessário o apoio dos colegas. Solange define o período como exaustivo: *“Foi muito cansativo, nós Tilsps do Nai, trabalhamos em todos os eventos da universidade, estávamos em todos os ambientes online, sala de aula, reunião do CELA, e outros mais”*. Foi um período atípico para todos e trabalhar com uma língua gestual-visual virtualmente, dependendo da qualidade da internet foi complicado. Os surdos têm suas identidades formadas e modificadas a partir das interações visuais, dessa forma todo esse processo era limitante para as interações.

Assim, é necessário, segundo as falas dos tradutores/intérpretes, que mais profissionais sejam contratados para que possam trabalhar em dupla e realizar o revezamento a cada 20 min.; o envio prévio dos materiais, mencionado anteriormente, também é uma reivindicação comum dos entrevistados que, segundo eles, possibilita que se preparem e prestem um melhor serviço à comunidade acadêmica. Outra questão apontada é a ausência de um laboratório de gravação, afirma Jaqueline:

[...] se nós tivéssemos um laboratório de gravação, seria muito bom! Nós poderíamos nos programar de fazer gravação dos vídeos, das ementas, dos planos de aulas, vídeos prova (Jaqueline, 10 de dezembro de 2023).

A fala da profissional traz pontos identitários e culturais importantes das pessoas surdas – o interagir por meio dos recursos visuais e da língua de sinais, assim é preciso que a universidade se adeque para prestar serviços aos surdos, sendo-lhe garantido o direito à acessibilidade não apenas em sala de aula.

Outra questão trazida é a valorização (melhoria salarial), reconhecimento desses profissionais na universidade e de seu papel no ambiente acadêmico: “[...] *qual é o nosso papel na universidade? É a comunicação, mas aí às vezes eles nós damos certos papéis que não nos cabe (Jaqueline).*

Solange traz um outro ponto, segundo ela visto como negativo, a separação entre intérpretes do curso de Letras-libras e os do NAI. Para ela essa divisão sobrecarrega alguns dos profissionais

Indico uma condição mais igualitária, em que todos os Tilsp da universidade tivessem a mesma responsabilidade em relação aos trabalhos realizados, não tivesse essa divisão, nós Tilsp do Nai atendemos toda a universidade e o curso de Letras-Libras, enquanto os Tilsp do Letras-Libras só atendem o curso, isso sobrecarrega uns e deixa livre outros (Solange, 22 de janeiro de 2024).

Assim, percebemos, a partir das falas dos participantes, que se faz urgente a contratação de mais profissionais para atender a uma demanda cada vez maior na universidade, o que tem gerado uma sobrecarga de trabalho; que haja o revezamento e que os conteúdos a serem trabalhados sejam encaminhados com antecedência; é de extrema importância a valorização desses profissionais, tanto salarial, como com mais visibilidade e oportunidades no mercado de trabalho.

Dessa forma, observamos as demandas trazidas por esses profissionais, mas também pudemos perceber, no decorrer das entrevistas, como eles são essenciais para que o trabalho inclusivo com os surdos realmente ocorra, dessa forma, é preciso que eles sejam respeitados e valorizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como acadêmicas do curso de Letras-Libras da Ufac, desde os primeiros períodos, temos observado em nossas aulas a atuação dos profissionais tradutores-intérpretes de Libras e nos certificados, no decorrer dos semestres, sobre a sua importância para o curso e para a formação dos discentes surdos. Assim, foi despertado em nós o interesse em dar voz a esses profissionais para que se posicionassem sobre o trabalho realizado por eles na Ufac. Dessa forma, foi estabelecido como objetivo geral do estudo “Investigar as dificuldades enfrentadas pelos tradutores/intérpretes de Libras durante a realização de suas atividades no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre – Ufac, focando em profissionais que atuaram entre os anos de 2014-2021”.

Após o contato com os tradutores-intérpretes que atuam especificamente no Letras-Libras, três deles aceitaram participar da pesquisa respondendo a uma entrevista, que foi encaminhada via e-mail devido às dificuldades de horários compatíveis.

Nas entrevistas os participantes externaram diversas questões, entre elas como foi o contato inicial com a língua de sinais e com a comunidade surda, a formação que têm, questões relacionadas ao trabalho na Ufac, especificamente, no Letras-Libras em diferentes momentos e demandas para que haja melhoras na área.

O período inicial do curso foi trazido como um momento de muitas dúvidas, visto ser uma graduação nova na instituição e todos, docentes, discentes e técnicos estarem inseguros em relação a como seria o andamento das atividades e como o trabalho entre os diversos profissionais seria articulado. A princípio muitas foram as dificuldades, porém com o passar dos semestres foram sendo sanadas muitas das demandas.

Outro acontecimento que marcou o trabalho desses profissionais foi o período da pandemia, um momento trazido como exaustivo, pois a ausência de interações presenciais e a necessidade de uso da internet para intermediar os encontros foi muito negativo. Além deles não estarem acostumados com essa forma de trabalho, há as questões identitárias e culturais dos surdos, devido ao uso de uma língua gestual visual.

Entre os pontos destacados pelos tradutores/intérpretes há a necessidade de contratação de mais profissionais com urgência, pois a demanda no ambiente

universitário está a cada dia maior; o revezamento entre os tradutores/intérpretes durante a sinalização das aulas e eventos e o envio dos conteúdos com antecedência também foram mencionados, além da valorização desses profissionais.

É evidente a importância desses profissionais no processo educacional dos surdos e para que a acessibilidade seja a eles proporcionada nos mais diversos setores sociais. Porém, após este estudo, percebemos que é preciso que esses profissionais tenham formação adequada e a eles sejam oferecidas melhores condições de trabalho, sendo respeitados e valorizados como essenciais durante toda a vida escolar dos surdos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Lauro Maia, RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução: perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 329 p.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. <https://www2.camara.leg.br>
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, 25 abr. 2002. <https://www2.camara.leg.br>
- BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial [da] União, Brasília, 2 set. 2010. <https://www2.camara.leg.br>
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Lamparina Editora, 2020.
- KLEIN, Madalena. **Movimentos Surdos e os Discursos Sobre Surdez, Educação e Trabalho: A Constituição do Surdo Trabalhador.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- MATOS, Pamela do S. Abreu; LOBATO, Luciano B. dos Santos; **Surdez e Cultura como Representação da Identidade Surda.** IV Congresso Paraense de Educação Especial, 2017.
- MONTEIRO, Myrna Sarleno. **História dos Movimentos Surdos e da Libras no Brasil.** Relato de Experiência, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do; COSTA, Messias Ramos. **Movimentos Surdos e os Fundamentos e Metas da Escola Bilíngue de Surdos: contribuições ao debate institucional.** Universidade de Brasília, 2014.
- PEREIRA, Emanuele Do Nascimento Paulino *et al.*. O papel do tradutor intérprete de libras na educação dos surdos. **Anais I CINTEDI...** Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/9039>. Acesso em: 01 abril 2024.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais.** In: Textura. Canoas, n.3, p.53-61, 2000.
- QUIRINO, Ronaldo S. **O Intérprete de Libras no contexto do ensino superior.** Programa de Pós-Graduação, Mestrado em distúrbios da comunicação, Universidade Tuiuti do Paraná, 2016.

RIBEIRO, Tanyse C. **O tradutor intérprete de Libras**: percepções sobre a atuação no ensino na Universidade Federal do Maranhão - Cidade Dom Delgado. Trabalho de Conclusão de curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

VARGAS, Vivian G. Louro. **Professores Surdos Egressos Do Curso De Letras-Libras Da Universidade Federal Do Acre**: características identitárias (re)construídas nas práticas dos docentes de língua de sinais. 2023. Tese (Doutorado em Letras Libras) Universidade Federal do Acre, Acre, 2023.

APÊNDICE - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - FRANCISCO

1) Como ocorreu o seu contato inicial com a comunidade surda?

Meu primeiro contato com a comunidade surda se deu no ano de 2009, quando por meio de uma amiga que namorava um surdo, tive esse primeiro contato. Logo me tornei amigo desse rapaz também e então começou o meu processo de aprendizagem da Libras.

2) Qual a sua formação?

Possuo duas graduações, primeiramente sou tecnólogo em Gestão Ambiental, formado pelo Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia – Ifac e Licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Federal do Acre – Ufac.

Além disso, também fiz duas especializações, sendo uma em educação especial e inclusiva e a outra em Libras.

3) Quando e onde começou a trabalhar como tradutor-intérprete de Libras?

Comecei a trabalhar como intérprete de Libras no dia 22 de julho de 2013 contratado pela secretaria de Educação do Estado para atuar em uma escola de ensino fundamental e médio. Atuava nos dois turnos, pela manhã com 7º ano e pela tarde com 1º ano do ensino médio.

4) Quando e como foi o processo seletivo para a sua entrada na universidade?

Ingressei aqui na Ufac por meio de um processo seletivo para trabalhar no Núcleo de Apoio à Inclusão no ano de 2017, tinha recém-chegado à capital para estudar e prestei esse processo seletivo no mês de junho e em julho comecei a trabalhar, primeiramente pelo turno da noite no curso de Saúde Coletiva com um

acadêmico surdo. O processo seletivo se deu por meio de uma prova prática de sinalização e versão voz, o edital contava com quatro vagas e passei em 3º.

5) Fale sobre a sua atuação como tradutor-intérprete na Ufac.

Atualmente, focado no curso de Licenciatura em Letras-Libras, atuo em sala de aula acompanhando acadêmicos e professores surdos que necessitam do serviço de tradução e interpretação. Mas quando trabalhei no Nai, também prestava outros tipos de serviços, como interpretação em eventos (presenciais e remotos) e formaturas.

6) Quais as dificuldades sentidas durante o desenvolvimento de seu trabalho, especificamente no Letras-Libras?

O curso de Letras-Libras é um curso em que gosto muito de trabalhar, primeiramente por ser a minha formação, então estou sempre aprendendo mais. Mas também por ser um curso em que temos muita abertura para darmos a nossa opinião e sermos ouvidos pelos docentes que sempre estão atentos aos nossos pedidos. Claro, há momentos em que sentimos dificuldades com alguns temas que surgem, devido a questões de sinais específicos, mas sempre buscamos saná-los para desenvolver um bom trabalho.

7) Como foi lidar com o período de condição adversa da pandemia da covid-19 no qual houve modificações em torno do ambiente de trabalho?

Foi um período bem complicado, pois em um dia estávamos em sala de aula e no outro tudo estava fechado e ninguém podia sair de casa. Nesse período ficamos alguns meses sem aula até a universidade se adaptar ao momento ainda complexo. Quando as aulas voltaram foi muito estranho, pois as pessoas que víamos pessoalmente todos os dias tinham se transformados em bolinhas com foto na tela de um computador ou celular. As aulas passaram a ser por meio de ambientes virtuais de ensino e nós que até então não tínhamos o hábito de passar uma manhã inteira em frente a um computador precisamos nos adaptar.

8) O que você indica como modificações necessárias para a melhoria das condições de trabalho dos tradutores/intérpretes na Ufac.

A principal indicação para a melhoria do nosso trabalho dentro da universidade se dá por meio da contratação de mais profissionais para que possamos atuar sempre tendo um apoio para revezamento a cada 20 minutos, essa contratação já melhoraria bastante nosso desempenho profissional. Além disso, o acesso a materiais com antecedência para um estudo prévio do que será abordado durante a aula nos possibilita uma melhor preparação para estar em sala de aula prestando um bom serviço para a comunidade acadêmica.

ENTREVISTA 2 - JAQUELINE

1) Como ocorreu seu contato inicial com comunidade surda?

Eu tenho um sobrinho surdo e a partir da necessidade que eu vi dele de se comunicar com a família eu comecei a frequentar um curso de libras básico, na época no CEES, e eu gostei muito do curso e aí eu me voluntariei para ficar trabalhando, se caso eles precisassem e na época, o Lico, que era um professor surdo me indicou um intérprete para experimentar né? Fazer experimento como intérprete numa escola educação fundamental, o Neutel Maia em 2005 e iniciei esse trabalho, mas o meu primeiro contato com pessoa surda foi o meu sobrinho.

2) Qual a sua formação?

Eu tenho formação em letras vernácula, pela Uninorte e tenho pós-graduação em gramática e educação inclusiva.

3) Quando e onde começou a trabalhar como tradutor e intérprete de Libras?

Eu comecei a trabalhar em 2005 na escola Neutel Maia quando eu tinha mais ou menos uns 23 anos.

4) Quando e como foi o processo seletivo para sua entrada na universidade?

Foi concurso público, nós fazemos uma prova teórica e depois nós tínhamos uma prova prática que era composta por uma prova de interpretação e uma de versão voz.

5) Fale sobre a sua atuação como intérprete na Ufac.

Essa é uma questão um pouco complexa, né? Quando eu entrei na universidade, eu entrei diretamente no letras libras, mas aconteceram alguns imprevistos e a gente sempre era colocado nos setores que precisava de intérprete. Então eu fui para trabalhar fixo nas artes cênicas, sair da arte cênica e ficava cobrindo as necessidades, trabalhei em sistema, trabalhei em engenharia, substitui a Re, acho que duas em veterinária. Atualmente eu sou intérprete fixa do curso de letras libras e eu acho que eu me desenvolvi melhor aqui porque é uma área específica. Então a gente está sempre em contato com conteúdo daqui a gente tem que estar pulando de conteúdo né?! Isso de uma certa forma facilita porque, por exemplo, agora nós estamos no segundo período e durante muitos anos já tivemos no primeiro no segundo, não que nós relembramos porque não dá. Mas de uma certa forma isso dar uma “aquecida”, do que a gente já estudou, já viu. Então de uma certa forma isso favorece bastante na interpretação, em relação a fluência.

6) Quais as dificuldades sentidas durante o desenvolvimento do seu trabalho especificamente no letras libras?

A maior dificuldade que eu acredito que seja de comum é a questão do conteúdo, a gente ter acesso aos conteúdos com bastante antecedência. Às vezes os professores mandam o conteúdo para gente um dia antes à noite no dia seguinte querem que a gente saiba exatamente tudo que foi passado e é impossível. Primeiro porque o nosso horário de trabalho, nós temos horário específico de trabalho então a noite não está dentro desse horário. Segundo que nós não somos detentores de todo o conhecimento então assim tem disciplina que a gente não tem conhecimento aprofundado né?! Por exemplo Didática, OEBLE são disciplina totalmente, assim, não fazem parte desse curso durante um bom tempo como temos libras 1,2,3. Enfim então acredito eu que seja o maior impasse, temos acesso aos conteúdos, poder sentar com

a maioria dos professores para poder planejar, isso acontece de forma esporádica, não que não aconteça, mas é esporádica. Às vezes a gente meio chato porque a gente fica insistindo nisso, né?! “manda o conteúdo”, “senta com a gente, vamos planejar”, “o que vai fazer amanhã?”, “como que vai ser eu?” acredito que isso não é bem nosso papel de intérprete, procurando uns professores para fazer algo que é de total interesse de ambas as partes, porque eles são os donos da disciplina, estudam profundamente aquela disciplina então se eles não dão um mínimo de respaldo com certeza interpretação flui mais com facilidade.

7) Como foi lidar com o período de condição adversa da pandemia COVID-19 no qual houve modificações no trabalho?

Olha, eu acho que esse foi o período mais complicado de trabalhar né?! Nós temos que trabalhar da nossa casa, a internet era nossa, nós tivemos, pelo menos eu criei um minilaboratório, assim para eu poder interpretar porque a luz não era favorável, porque ângulo não era favorável, às vezes notebook, a câmera não era tão boa, até porque nós não esperávamos isso. Então, eu sou mãe e minha filha, na época, tinha dois anos de idade e eu tive que lidar com isso... então assim minha colega de trabalho, a Regina, graças a Deus a gente trabalhava nessa época em dupla né?! Então assim “Rê, a Maria acordou” “cobre ela aí rapidinho” aí eu ia lá corria, arrumava o café da manhã da Maria, trocava

fralda aquela coisa toda na correria aí às vezes ela falava “mamãe, eu quero ficar com você” e ela se deitava no meu colo eu botava câmara do meio do corpo pra cima e a Maria deitada no meu colo comendo, mamando e eu interpretando com a Maria ali no meu colo, dormindo. Então assim foi um período muito difícil e quando a energia acabava, e quando a internet não conectava, e para mim foi um período difícil em relação a autocobrança. “Meu Deus a internet caiu e agora??? Será que vão pensar que eu desliguei? Que eu não quero trabalhar? Será que vão pensar...?” e eu acredito que não foi só um sentimento meu, acho que foi da maioria dos intérpretes porque como nós estávamos em casa entendia que isso era favorável e pra mim não era favorável em nada, eu fiquei bastante estressada nesse período porque eu me sentia na obrigação de estar estudando o tempo todo de não ter um período pra mim, aí eu tinha que cuidar de casa, de filho né? De tudo assim... e do conteúdo da situação das disciplinas, os alunos surdos na época sempre ligavam para gente em horários

muito esporádicos, 08h00 da noite, tirar dúvida de alguma coisa e a gente se cobrava muito de ter que estar disponível, não era fácil né? Tudo era nosso, o financeiro era nosso, à internet era nossa, o hing light era nosso, tudo era nosso, nós não tivemos respaldo nenhum para nos ajudar nesse período. Para mim, eu peço muito a Deus que não volte, eu prefiro muito, 1000 vezes estar aqui com todas as nossas dificuldades, tem que escrever no quadro, tem que chegar no horário, mas assim eu tenho um período pra cumprir das 7h30min da manhã até as 5h da tarde.

8) O que você indica como modificações necessárias para melhoria das condições de trabalho dos tradutores/intérpretes na Ufac?

Olha primeiramente eu acho que se nós tivéssemos um laboratório de gravação, seria muito bom! Nós poderíamos nos programar de fazer gravação dos vídeos, das ementas, dos planos de aulas, vídeos prova. Um segundo ponto, acho que isso seria muito a valorização do profissional, que não sei qual palavra utilizar nesse momento, mas assim se um surdo vai bem é mérito do surdo, mas ele vai mal, mérito do intérprete sabe?! E isso é algo que a sola, eu acredito que toda a categoria, a falta de reconhecimento do nosso papel principalmente “qual é o nosso papel na universidade?” é a comunicação, mas aí às vezes eles nós damos certos papéis que não nos cabe. Eu acredito que é outro fator é como eu disse no início aos conteúdos, melhorar a qualidade de trabalho, mais alguma coisa que vocês acham? Os meninos (Regina e Fabio) estão aqui na sala comigo com eles a minha a minha colocação, eu acredito que seja de acordo com o que a gente realmente trabalha, como a gente realmente pensa. Um outro fator é o nosso salário né?? Que nós trabalhamos pra caramba, 40 horas, e ensino médio.

ENTREVISTA 3 - SOLANGE

1) Como ocorreu o seu contato inicial com a comunidade surda?

Ocorreu em 2001 quando terminei o ensino médio, antigo Magistério e namorava com o motorista que dirigia a Kombi da escola CEES, como ele trabalhava na escola, eu comecei a fazer cursos de curta duração e em 2002 entrei como intérprete na escola Mario de Oliveira, nesse intervalo eu fazia cursos e conseguia ter

a comunicação com alguns alunos surdos que estudavam no CEES, nessa época não existia ainda a metodologia Libras em Contexto, os sinais eram ensinados pelos professores de uma forma descontextualizada e a comunicação acontecia aprendendo com a comunidade surda, através da prática, não tínhamos a prática da leitura e as questões teóricas eram bem precárias, trabalhei por muitos anos somente com a aprendizagem prática, muito anos depois que tive o interesse pelas leituras teóricas da aprendizagem de surdos.

2) Qual a sua formação?

Tenho graduação em Pedagogia (estudei na turma especial que a Secretaria de educação em parceria com a UnB ofertou para os professores leigos, nessa turma fui voluntária, ao mesmo tempo que era aluna também interpretava para quatro professores surdos. Tenho graduação em Artes Visuais, tenho especialização em Ensino, Tradução e Interpretação de Libras, tenho Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade pela Ufac.

3) Quando e onde começou a trabalhar como tradutor-intérprete de Libras?

Comecei a trabalhar no ano de 2002, na escola Mario de Oliveira, em uma turma do projeto Poronga, tinha quatro alunos surdos, o projeto era para alunos em defasagem idade/série, desde esse ano nunca sai da sala de aula, entrei na Ufac em 2014 e estou até hoje como Tilsp.

4) Quando e como foi o processo seletivo para a sua entrada na universidade?

Foi em 2014, através do concurso para técnico administrativo educacional em nível D, tinha duas vagas para Tilsp. Foram duas etapas, a primeira a prova escrita objetiva, a segunda a prova prática, com interpretação português/Libras.

5) Fale sobre a sua atuação como tradutor-intérprete na Ufac.

É uma prática muito difícil, complexa na questão das áreas de estudo, estamos em todos os níveis de ensino, no ensino, pesquisa e extensão, palestras,

parcerias com outras instituições e todos os cursos de graduação e pós-graduação em que esteja o acadêmico surdo. Exaustivo por requerer muitas horas trabalhadas.

6) Quais as dificuldades sentidas durante o desenvolvimento de seu trabalho, especificamente no Letras-Libras?

A maior dificuldade foi no início da implantação do curso, por não haver essa profissão de professor de Libras na rede de ensino, ainda não estava muito claro qual a atuação do egresso do curso, isso era uma dificuldade em relação ao trabalho realizado pelos professores, garantir a acessibilidade também foi uma construção, era tudo muito novo, ter quatro alunos surdos na sala de aula de graduação causava medo em todos, de não saber lidar com a inclusão, foi uma aprendizagem para todos os envolvidos. Confesso que errei muito nessa época, hoje faria diferente, mas todo erro tem seu lado positivo, olhar e fazer diferente no presente.

7) Como foi lidar com o período de condição adversa da pandemia da covid-19 no qual houve modificações em torno do ambiente de trabalho?

Foi muito cansativo, nós Tilsp do Nai, trabalhamos em todos os eventos da universidade, estávamos em todos os ambientes online, sala de aula, reunião do CELA, e outros mais.

8) O que você indica como modificações necessárias para a melhoria das condições de trabalho dos tradutores/intérpretes na Ufac.

Indico uma condição mais igualitária, em que todos os Tilsp da universidade tivessem a mesma responsabilidade em relação aos trabalhos realizados, não tivesse essa divisão, nós Tilsp do Nai atendemos toda a universidade e o curso de Letras-Libras, enquanto os Tilsp do Letras-Libras só atendem o curso, isso sobrecarrega uns e deixa livre outros.